

WWW.OJUDEU.COM.BR - A VIDA E A OBRA DE ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA (1705-1739). Samantha Maria Fantini, Renata Soares Junqueira, Guacira Marcondes Machado Leite, Alberto Dines, Glória Bolani Porteiro, Mariah Badari dos Santos – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

Antônio José da Silva nasceu aos 8 de maio de 1705 no Rio de Janeiro, foi para Lisboa em 1711 e lá viveu até à sua morte. Conhecido na história da literatura luso-brasileira como “o Judeu”, teve uma vida marcada pelas tragédias relacionadas à sua condição, e de sua família, de cristãos-novos, sempre acusados de reincidir na prática de judaísmo. “Sabe-se que estudou Direito em Coimbra, mas a posteridade pouco guardou de sua vida atribulada pela acusação de heresia com que o Santo Ofício, tenazmente, o perseguiu” (CRUZ, 2001, p.97) e, após seguidas prisões, o executou, aos 34 anos de idade. Deixou uma obra extremamente significativa, composta de nove peças ou óperas escritas e representadas entre 1733 e 1738, e outros textos que lhe têm sido atribuídos.

O retrato da sociedade setecentista portuguesa, mesmo quando analisado superficialmente, deixa transparecer a precariedade do viver cotidiano da época. Era nas manifestações artístico-culturais que o homem português da primeira metade do século XVIII exteriorizava aquilo que ele gostaria que fosse a sua realidade. Os tempos não eram de abundância econômica, e muito menos de estabilidade social e política. Refletindo a desproporção entre o pouco que se ganhava e a grandiosidade que deslumbrava os olhos, as manifestações sociais se caracterizavam pela fuga à realidade. O espectador esquecia o sentimento de ameaça e instabilidade e o substituída pela ilusória e bizarra organização das comédias, das óperas joco-sérias, da suntuosidade das manifestações religiosas (BARATA, 1991).

Nesse cenário naturalmente conflituoso e com o agravante de estar sempre à mira da Inquisição, Antônio José teve um período de produção intenso. Todas as suas peças, que foram encenadas através do recurso de marionetes no Teatro do Bairro Alto, de 1733 a 1738, são: *Vida do grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança* (1733), *Esopaida ou Vida de Esopo* (1734), *Os Encantos de Medeia* (1735), *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena* (1735), *Labirinto de Creta* (1736), *Guerras de Alecrim e Manjerona* (1737), *As Variedades de Proteu* (1737) e *Precipício de Faetonte* (1738), às quais se acrescenta, *Amor Vencido de Amor* e *Os Amantes de Escabeche*, ambas perdidas, e ainda a comédia *El Prodigio de Amarante*, escrita em castelhano e revelada em 1967 por Claude-Henri Frèches.

Para compreender a especificidade do seu estilo teatral é necessário analisar os recursos empregados na constituição das suas peças. A contribuição renovadora da sua comédia para a língua portuguesa foi, entre outros aspectos, a de utilizar a prosa em vez do verso no diálogo teatral, visto que, desde o quinhentismo de Gil Vicente até os seus dias, o teatro em Língua Portuguesa fora escrito apenas em verso. Antônio José aproveita ainda a música como complemento integrante da totalidade teatral e o recurso dos bonecos como disfarce amortecedor do emprego reiterado da sátira que desconstrói os valores da pomposidade barroca. Sua dramaturgia reflete a profunda crise cultural que enfrentaram os portugueses na primeira metade do século XVIII, submetidos a modelos culturais que isolaram o país da renovação artística ocorrida nas principais capitais européias. O teatro popular em Portugal, herdeiro da chamada Escola Vicentina, sobrevivia nos chamados “pátios de comédia”, onde se representavam peças de baixa comédia ou teatro de cordel, aos quais acorriam as classes populares e também a burguesia. Esse teatro sofria a concorrência da pomposidade do teatro jesuítico, das óperas italianas – prestigiadas pela nobreza e apoiadas pelo rei – e do teatro espanhol. No entanto, Antônio José conseguia dar uma contribuição original ao teatro do seu tempo, absorvendo a herança do teatro nacional e popular e enriquecendo-a com as influências espanhola, italiana e francesa. Por trás disso tudo, à custa de uma perfeita técnica de camuflagem, estava sempre a Lisboa setecentista (PEREIRA, 2006).

“A linguagem teatral do Judeu, dominada pela farsa cômica, se caracteriza pela sátira à construção pedante do barroquismo [...] [e sustenta] um diálogo vivo, que não se via nos palcos portugueses desde o século XVI” (PEREIRA, 2006, p.51). A crítica social é sempre mais ou menos evidente em todos os textos do comediógrafo, que passa “do riso solto ao chiste zombeteiro, da sátira às instituições à caricatura da nobreza. É pela linguagem que o escritor setecentista faz rir ao público. É por ela que se poderá compreender o universo dramático do maior poeta cômico de Portugal depois

de Gil Vicente” (PEREIRA, 2006, p.51). “Quando, em 1733, sobe à cena no Teatro do Bairro Alto a sua primeira ópera, a *Vida do grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança*, Antônio José quebrava uma tradição de mais de dois séculos, em que o teatro em língua portuguesa fora basicamente escrito em verso sem conter partes em prosa e, sobretudo, sem utilizar a música como parte de sua estrutura. Assim, nascia a primeira ópera cantada em língua portuguesa e desempenhada não pelos cantores italianos que serviam ao teatro real, mas por fantoches” (PEREIRA, 2006, p.53).

“No Portugal joanino da primeira metade do século XVIII, em contraponto à ópera oficial, subvencionada pela Coroa e normalmente cantada em italiano por atores estrangeiros, havia a ópera popular que nem sempre era representada por pessoas de carne e osso” (PEREIRA, 2006, p.55). No teatro do Judeu, os intérpretes eram bonecos, “também conhecidos como bonifrates, fantoches, marionetes ou títeres, feitos de cortiça e movidos por arame. [...] Mais do que novidades, os bonifrates eram uma necessidade para um teatro popular mais econômico que precisava atender a um público de poucos recursos financeiros, como a pequena burguesia e o povo” (PEREIRA, 2006, p.55). No contexto em que foi produzido, fica justificado o emprego dos bonifrates. Esse teatro de fantoches talvez tenha passado despercebido pela rigorosa censura religiosa, o que possibilitou a Antônio José pôr em cena situações e personagens do seu tempo através de um discurso realista de fundo popular, que provavelmente seria proibido se fosse dito e interpretado por atores vivos (PEREIRA, 2006).

Da nossa pesquisa de textos críticos dedicados à obra de Antônio José da Silva, de textos historiográficos (relativos ao século XVIII em Portugal e no Brasil) e histórico-literários (sobre o prolongamento do Barroco em Portugal e no Brasil, na primeira metade do Século XVIII, em decorrência da exploração das minas brasileiras), bem como de textos teóricos sobre estética teatral, apresentaremos nesta ocasião alguns resultados que deverão integrar um *site* na Internet, que temos em construção: www.ojudeu.com.br. Interessa-nos, sobretudo, duas metas principais: a divulgação da vida e da obra (textos, contexto e bibliografia passiva) do autor, e uma abordagem da sua produção teatral no que toca à renovação formal – literária e cênica – que ela representa no quadro da produção de teatro no Portugal do século XVIII. Trata-se de um Projeto Integrado de Pesquisa, que conta ainda com outros colaboradores.

Os nossos primeiros resultados parciais são provenientes de uma coletânea, que fizemos, de verbetes de dicionários e de capítulos de história literária e de história do teatro luso-brasileiro que apresentam Antônio José da Silva e as suas óperas cômicas. Podemos ver, na leitura desses textos, um índice das abordagens críticas que têm sido feitas ao Judeu e à sua obra.

Referências Bibliográficas

BARATA, José Oliveira. **História do teatro português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CRUZ, Duarte Ivo. **História do teatro português**. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

DINES, Alberto; ELEUTÉRIO, Victor. **O judeu em cena: el prodigio de amarante**. 1ª ed. bilíngüe e comprovação de autoria. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

PEREIRA, Paulo Roberto. A música e a marionete na comédia de Antônio José, o Judeu. **Convergência lusíada** (Rio de Janeiro), n. 22, p. 49-61, 2006.

PICCHIO, Luciana Stegnano. **História do teatro português**. Lisboa: Portugal, 1969.

Bolsa: PROEX/UNESP